

GEORG MARGGRAF – O PRIMEIRO HERBORIZADOR DO BRASIL

OSVALDO MARTINS FURTADO DE SOUZA

Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

Os herbários e outras coleções como carpotecas e xilotecas, são instrumentos imprescindíveis às tarefas não só dos taxonomistas, como também de todos aqueles que se dedicam à distribuição geográfica, diversidade e modificações morfológicas, inclusive espécies vegetais extintas.

Existem no mundo, cerca de 3.210 herbários, sendo 114 no Brasil. Nesse país 39 estão localizados no Sudeste com 2.400.000 espécimes, 27 no Nordeste com 620.200, 27 no Sul, com 980.500, 11 no Centro–Oeste com 420.700, e 10 no Norte com 715.500.

Detendo cerca de 14% da diversidade vegetal do mundo, o número de exemplares nos herbários brasileiros de 5.316.900 muito pouco, levando em consideração que apenas o Museum Nacional d'Historie Naturelle, de Paris, fundado em 1638, possui 8.000.000 de exemplares.

Oportuno ressaltar a preocupação dos cientistas brasileiros quando dizem que “o desconhecimento da biota brasileira torna o país vulnerável em muitos campos entre os quais, cabe destacar a descoberta de novos fármacos, patenteamento de processos biológicos e a impossibilidade de fazer parcerias verdadeiras com instituições científicas de diferentes países, de modo que ambos os lados possam obter dividendos do conhecimento gerado” (Peixoto & Amorim, 2003).

Georg Marggraf, conforme consta do seu batistério redigido na igreja de Liebstadt, na Alemanha, e não como o próprio assinava: Marcgrave, ou como alguns historiadores o chamavam, Jorge, George, Markgrave, Marggrave, Markgraf, Marcgraf, Macggraf, Margrave, Margrarius e Georgio Marcgravio, nasceu em Liebstadt, distrito de Mismia, Saxônia, em 20 de setembro de 1610, falecendo “de febre” na Ilha de Luanda, na África Ocidental, em 1644.

Aos dezessete anos, Margraff deixou a casa dos pais para freqüentar cursos de matemática, história natural, medicina, astronomia, botânica, meteorologia e árabe

nas universidades e academias de Strasburgo, Brasília, Leipzig, Erfurt, Rostock, Wittenberg, Iogobstadt, Altdorf e Greifswald.

Em 1638, chegou ao Brasil indicado pelo seu amigo João de Laet, geógrafo e diretor da Companhia das Índias Ocidentais, para compor equipe do conde João Maurício de Nassau–Siegen (1604–1679), Governador, Capitão e Almirante General das Terras Conquistadas ou a Conquistar, então, já composta pelos pintores Franz Post e Albert Eckhout, do arquiteto Pieter Post, naturalista da Universidade de Lieden (Alemanha), Guilherme Piso, naturalista e médico do conde, Johan Bodecher Bennis, professor de Ética, Servaes Carpentier, médico, e Franciscus Plante, formado em Teologia.

Alguns historiadores, no entanto, afirmam que Marggraf foi indicado ao conde Maurício de Nassau, por intermédio de Guilherme Piso.

Marggraff exerceu atividades de geógrafo, cartógrafo, meteorologista, botânico e astrônomo, em uma das duas torres do Palácio de Friburgo (Vyrburg = Cidadela da Liberdade Lugar), construído em 1638, e localizado na cidade Maurícia, na Ilha de Antônio Vaz, hoje bairro de Santo Antônio, na cidade do Recife (Pernambuco), onde confeccionou seu herbário, e observou o eclipse da lua.

Tamanho o interesse do Conde Maurício de Nassau pelas pesquisas de Marggraf, que foram colocados à sua disposição, durante os seis anos de sua permanência em Pernambuco (1638–1644), destacamentos do exército e da marinha para melhor desempenho e segurança de suas tarefas: caçar, capturar, colecionar e secar animais, pássaros e plantas.

A *Historia naturalis Brasiliae* editada em Leiden e Amsterdam, por João de Laet e financiada por Maurício de Nassau, ilustrada em grande parte com gravuras de madeira, é composta de duas partes: a primeira intitulada *De medicina brasilienses* escrita por Piso, composta de assuntos médicos; a segunda com o título *Historia rerum naturalium Brasiliae* (Herbário de Georg Marggraf), trata de anotações sobre botânica, zoologia e região onde Marggraf viveu durante seis anos, composta de oito assuntos a saber: I – *Das Ervas*, com 86 figuras e 18 notas; II – *Das plantas frutíferas e arbustos*, com 39 figuras e 11 notas; III – *Árvores* com 7 figuras e 17 notas; IV – *Peixes marítimos e pluviais e Testáceos* com 106 figuras e 19 notas; V – *Das aves*, com 54 figuras e 8 notas; VI – *Animais quadrúpedes e serpentes* com 33 figuras e 18 notas; VII – *Insetos*, com 29 figuras e 8 notas; VIII – *Da região e seus habitantes*, com 5 figuras e várias notas.

Pouco ajudado pelo insuficiente conhecimento da nomenclatura contemporânea, não possuía facilidade descritiva, encontrando, muitas vezes, dificuldade para identificar o material com que trabalhava. Marggraf costumava denominar o termo flósculo para designar flores pequenas, clavícula de gavinha, gamopétala como uma única flor, megascópio em vez de lupa, penado de piloso.

Boa parte da classificação feita por Linneu das plantas tropicais, segundo alguns pesquisadores, baseou-se no trabalho de Marggraf sem falar de Piso, “que lhe quis passar a perna e lhe pisotear a fama”.

Temendo que alguém copiasse seus trabalhos, Marggraf escreveu grande parte dos mesmos com certos sinais por ele inventados (Taunay, 1642).

Em 1975, desejou uma equipe constituída de três botânicos dinamarqueses, Anne Flox Maule, Troels Myndel Pederson e Knud Rahn, obter identificações atualizadas das plantas do Herbário de Marggraf, guardado em Copenhague. De início, tiveram dificuldades com as plantas nativas da flora do Nordeste brasileiro. Ao tomarem conhecimento que o saudoso botânico brasileiro pertencente ao Instituto de Pesquisas Agropecuárias (IPA), da Secretaria de Agricultura de Pernambuco, Dárdano de Andrade Lima, estava com viagem marcada para a Europa, o convidaram para juntar-se à equipe, tendo o mesmo aceito e participado com brilhantismo (Moulin *et al*, 1986).

Atualmente, encontra-se o herbário brasileiro de Margraff, considerado uma rara e única coleção de espécimes medicinais na região pernambucana, em Copenhague (173 pranchas) e em Oxford (10 espécimes), bem preservadas considerando a sua idade. No herbário existente no Museu Botânico de Copenhague, destaca-se a espécie *Lygodium polymorphum* (Cav.) H.B.K., encontrada na Ilha de Itamaracá, Pernambuco, distribuída largamente nas regiões mais quentes da América do Sul.

As pranchas do herbário de Copenhague estão reunidas em um livro medindo 44x28x14cm, a capa é de papel gomado colorido com resquícios do pergaminho original na lombada e dos lados, as plantas coladas provavelmente com goma arábica.

Ainda, identificadas pelos quatro botânicos encontram-se espécies cultivadas nas regiões tropicais da América, inclusive do Brasil: *Anacardium occidentale* L., *Spondias mombin* L., *Ananás comosus* (L.) Merr., *Carica papaya* L., *Citrullus vulgaris* (L.) Schrader, *Jatropha curcas* L., *Ingá babiensis* Benth. *Tamarindus indica* L., *Cocos nucifera* L., *Passiflora cf alata* Dryander, *Passiflora* sp.

Regressando à Holanda, em 1644, Maurício de Nassau levou volumosa e valiosa bagagem, inclusive os espécimes coletados por Marggraf, suas anotações e ilustrações botânicas. Os trabalhos astronômicos foram entregues a Golius, e nunca publicados, os mapas geográficos foram usados por Barlaeus, as anotações e ilustrações sobre a história natural entregues a De Laet, “que com elas editou, em 1648, a magnífica *Historia naturalis Brasiliae*, tendo Piso, dez anos depois, publicado uma nova edição como se fossem suas aquelas anotações e ilustrações. Desta edição, também fazem parte o *Tractatus topographicus et meteorologicus cum eclipsi solaris*, de Marggraf, e a *Historiae naturalis e medicae Indiae Orientalis libri VI*, de Jacob Bont, junto com a obra”

O naturalista Manoel Arruda Câmara, o primeiro que expôs ao nosso Príncipe Regente, nos idos de 1810, a “utilidade da instituição de jardins nas principais províncias do Brasil”, fez referência à *Historia Naturais Brasileira*, citando o croata açu ou piteira (*Agarre vivipara*, Lin.), afirmado que os holandeses souberam tirar das folhas “para fazer panos ótimos”.

Ainda, Arruda Câmara, confirmou ter Margraff denominado *Apeiba monadelpha*, planta que se faz jangadas, provavelmente, a nossa *Apeiba albiflora*, Ducke, com o nome vulgar pau de jangada.

Sabe-se que a *Historia naturalis Brasiliae*, doada ao *Theatrum Anatomicum de Lieden*, foi comprada pelo professor e colecionador dinamarquês Wilhelm Worm, em 1653, tendo sua família, dois anos depois, vendido ao rei Frederico III, que, por sua vez em 1654, a entregou, ao Museu Botânico da Universidade de Copenhague, existindo uma segunda edição de Piso em 1658, na qual o autor incorporou o trabalho de Marggraf como se fosse seu, segundo depoimentos de cientistas.

Contribuindo também para o melhor conhecimento da flora tropical, o botânico Don Bento José Pickel, um dos monges fundadores da tradicional Escola de Agricultura e Veterinária, então localizada no Mosteiro de São Bento em Olinda, Pernambuco, transferida posteriormente para o município de São Lourenço da Mata, dando depois origem a atual Universidade Federal Rural de Pernambuco, foi autor de dois trabalhos: “A Flora do Nordeste do Brasil segundo Piso e Macgrave no Século XVII”, e “Piso e Macgrave na Botânica Brasileira”, o primeiro em 1949 na revista “Flora”, e o segundo em 1960, ainda inédito (Almeida, 1998).

Foi dos trabalhos de George Marggraf no pensamento de alguns historiadores, que “que cumpre verdadeiramente dotar, o início da verdade na ciência botânica e zoológica”.

Viajava em todo o Território pernambucano, inclusive das capitâneas hereditárias vizinhas, para determinar a longitude e a latitude, descreveu e desenhou plantas e animais que conseguiu colher e capturar, estudou costumes, hábitos e a língua dos indígenas, e utilizou de maneira intensa e proveitosa o observatório que lhe foi dado por Maurício de Nassau, no Palácio de Vrizburg, inclusive observando o eclipse solar ocorrido no Recife, a 13 de novembro de 1640.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.V. Don Bento Pickel: uma bibliografia Pró-Reitoria de Extensão. Memorial da UFRPE, Departamento de Biologia. Recife. 1998.

MELLO, S.A. Obras reunidas de Manuel Arruda da Câmara. Prefeitura da Cidade do Recife. SECF.C.C. 1982.

MOULIN, D., MAULE, A.F., LIMA, D.A., RAHN, K. & PEDERSEN, T.M.. O Herbário de Georg Margraff. Fundação Nacional Pró-Memória. F.P.H.A. P. Rio de Janeiro, 1986.

PEIXOTO, A.L. & AMORIM, M.P. Coleções botânicas documentação da biodiversidade brasileira. Revista Ciência e Cultura. S.B.P.C. São Paulo. 2003.

TAUNAY, A. Georg Margrave de Liststad (1610-1644). Escorço Biográfico Edição do Museu Paulista Comemorativa da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 1942.